



O professor Magalhães Pedroso e M.<sup>me</sup> Ilda Sandeman Berchi Pedroso, n'um dos passos do Tango Argentino

11 Série—N.º 413

## Ilustração Portuguesa

Lisboa, 19 de Janeiro de 1914

Director e PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA  
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redacção, administração, offic de composição e impressão  
 RUA DO SÉCULO, 43



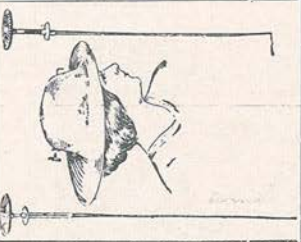
Trimestre..... 1520 cent.

Semestre..... 2840 cent.

Ano..... 4880 cent. Numero avulso. 10 cent.

**ULTIMA NOVIDADE**  
 Prego de chapéu  
 com "TIGE EDOUARD"  
 O prego completo..... 60 centavos  
 Só a haste..... 30

**PEDIDOS A**  
**H. SATURNINO**  
 71, RUE DE DOUAI  
 PARIS



**PARA QUE VIVER?**

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, arte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor **YTAILO, 35, Boulevard Bonne-Nouv He. 35 - 74 Es.**

# Será este homem dotado de um poder extraordinario?

Muitas pessoas de alta categoria e competencia dizem que ele lê na vida de cada qual como n'um livro aberto.

Quem ser claramente informado a respeito das cousas que mais lhe podem interessar? Negocios, Casamento, Mudanças de Vida, Occupações? Querem saber ao certo o que devem pensar dos amigos e inimigos, e conhecer o meio de alcançar o melhor exito na vida?

**LEITURAS D'ENSAIO, HOROSCOPOS PARCIAIS GRATUITAS A TODOS OS LEITORES QUE ESCRIVEREM DESDE JA.**

ESTAO atualmente despertando a attenção de todas as pessoas, que se interessam pelas ciencias occultas, os trabalhos do Sr. Clay Burton Vance, que sem alardear



doms especiaes, nem um poder sobrenatural, procura revelar o que a vida reserva a cada qual, com a x'illo d'este dado tão sim-

ples: a data do nascimento. A exatidão incontestavel das suas revelações e predições faz pensar que até agora qu'olmos intes, advinhos, astrologos e videntes de todos os feiticos não tenham logrado applicar os verdadeiros principios da ciencia de desvendiar o porvir.

As cartas que publicamos em seguida atestam a elevada competencia do sr. Vance: "Oceci o meu Horoscopo, escreve o Sr. Lafayette Reddit. Foi com verdadeiro assombro que n'ele, fase por fase, a minha vida desde a infancia até agora. Ha anos que este genero de estudos me interessa e eu me busco pela ideia que fosse possível dar opiniões e conselhos de valor tão incalculavel. Sou, portanto, forçado a confessar que V. é na verdade um homem extraordinario, e muito folgo que possa fazer aproveitar a aquellos que o consultam, das suas admiraveis facultades."

O sr. Fred. Walton escreve: "Não esperava receber uma tão esplendida descrição da minha vida. É impossivel calcular todo o valor científico das suas consultas, antes de haver experimentado diretamente, como eu fiz. Consultar a V. Ex.º é ter a certeza de alcançar o exito que se deseja e a fidelidade a que se aspira." Em virtude de perguntas levadas a cabo, podemos oferecer a todos os leitores da Ilustração Portuguesa uma leitura d'Ensaio gratuita, ou Horoscopo parcial. É necessario, porém, que as pessoas que quizerem aproveitar este offerecimento facam o seu pedido sem demora. Aqueles que desejarem, portanto, uma descrição da sua vida passada e futura que quizerem receber uma enumeração das suas caracteristicas, tentos e expiões, uma indicação das occasões que se lhes proporcionam, não tem mais que enviar o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e anno do nascimento, e a copia feita pela propria mão dos versos seguintes:

Vosso poder é grande, é assombroso, Ao mundo a fama diz; Do meu porvir rasgando o veu nebuloso Dizal—Serel feliz?

Dirigi a vossa carta a Monsieur Clay Burton Vance, Suite 2008, M. Palais-Royal, Paris (França).

Será conveniente incluir na carta 150 réis em estampilhas portuguezas (ou 500 réis em estampilhas brasileiras), para despezas de porte e d'escriptorio. É preciso notar que as cartas para França devem ser franqueadas com 50 réis moeda portugueza, (ou 200 réis moeda brazileira). Não se deve incluir na carta dinheiro amofinado.

Dr. Benguê, 27, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
 CHIROMANTE  
 E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME  
 19  
**BROUILLARD**



Diz o passado e o presente e preve o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em valcínio. Fê-lo estado que fez das ciencias quironmancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das theories de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenilney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sebre-loja) — LISBOA. Consultas a 12000 rs., 25000 e 50000rs.



**SELLOS DE CORREIO**  
 Prego sem competencia.

**CATALOGO GRATIS E FRANCO**  
 Remettam-se folhas para escolher.

**H. POULAIN**  
 5, Rue Victor-Massé, 5, Paris.

**ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA**  
 LUZ A GAZOLINA



UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PEIREIRA & C. — COIMBRA —

Escolha-se representantes em todos os concelhos



**Sederia**  
**Schweizer**

iranco

Últimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bonitas como em velludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco.

**Schweizer e Ca., Lucerna E II**  
 (Suissa)

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

19-1-1914

N.º 413

## «Morrer pela patria»

A velha taboa de valores moraes, de que Nietzsche previu a proxima ruina, começa, por toda a parte, a abrir falencia. A transvaliação vae-se já operando, lentamente. A rétorica dos velhos conceitos soa falso, tocada pelo bom senso cristalino das sociedades novas. Nobres expressões de cabelos brancos, fórmulas indiscutíveis da moral mediéva, vão caindo, como folhas douradas do outono, uma



a uma. Aos dogmas da velha moral tradicionalista opõe-se uma moral nova, adaptada, inteligente. Ha pouco tempo ainda, em Lincoln, o ministro da America do Norte, mr. Bryan, referindo-se á funesta eventualidade de uma guerra com o Mexico ou com o Chili, afirmava, perante o assombro da Europa decrépita: — «O dever de todo o cidadão norte-americano não é morrer pela patria; é viver para ela».

## Ferro-viarios

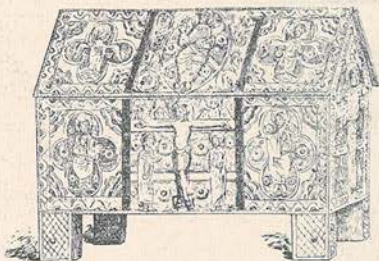
Na madrugada de quarta-feira declarou-se em Lisboa a gréve geral dos ferro-viarios. O imenso monstro negro, a enorme serpente de ferro, que respira fomalhas e devora distancias, immobilizou-se, enroscou-se, parou. Deram motivo a esse gesto de negação velhas questões latentes desde 1911 entre o pessoal e a Companhia, e, em especial, a forma



por que a C. C. F. P. regulamentou as condições de aposentação dos seus funcionarios. Alguns actos de *sabotage* já praticados vieram atenuar a smpatia que poderiam merecer as reivindicações do pessoal ferro-viario. O direito á gréve é uma consequencia natural do direito ao trabalho,—e não pôde legitimamente reconhecer-se um, sem se respeitar o outro.

## Arte

As questões d'arte estão interessando vivamente o paiz. Emquanto o conselho d'arte e arqueologia estuda a fórma de proceder ao inventario documentado das nossas riquezas artisticas, o illustre director do Museu das Janelas Verdes, dr. José de Figueiredo, chama a atenção do estrangeiro para a arte portugueza e promove, no Instituto de França, interessantes communicções. Do quadro de Van



der Wayden, que pertenceu ao mosteiro da Batalha e que foi objéto da ultima communicção do dr. José de Figueiredo, existe hoje apenas um apontamento a lapis, feito pelo pintor Domingos Sequeira n'um dos seus albums. Tive occasião de vêr esse apontamento, ha cerca de um ano, na livraria do falecido rei sr. D. Carlos. Em que condições teriam as taboas do mestre flamengo sahido de Portugal? Leval-as-hia o saque de Loison, no espolio que seguiu para França? Perder-se-hiam em 34?

## Casaca ou farda?

O cronista politico do *Primeiro de Janeiro*, cujo anonimato esconde um dos nossos maiores oradores e um dos nossos mais notaveis homens publicos, distinguio esta cronica com a transcrição e com o comentario amavel de uma das suas ultimas notas. O grande jornalista, que a despeito de ter a sua fidalguia esquelada, em esmaltes e metaes, no *Livro de Armeiro-Mór*, é um espirito liberal e rasgadamente democratico, condena, como expressão de um *snobismo* imperdoavel, a farda dos diplomatas portuguezes. Não sei se isto será rigorosamente justo; penso, entretanto, que embora não vistam positivamente a celebre casaca de George Brummel *squire*, esbelta como um cisne preto, ou a casaca de véspa do *chevalier d'Orsay*, que ainda em 1840



deslumbrava o *boulevard de Gand*, ou a nobre e sóbria casaca de *sir Joe Chamberlain*, em cuja lapela sangra uma orquidea vermelha,—é com a sua casaca que os diplomatas portuguezes estão bem.

(Ilustrações de Manoel Gustavo)

JULIO DANTAS

# MILAGRE



A ALDEIA em peso havia levado o estranho caso à conta de uma vingança do céu, pretendendo que a terrível enfermidade o atacara na tarde de um sábado, quando, no seu andar enfeitado, a Senhora das Neves saía em procissão através dos campos resequecidos, rodeada pela vozeria: afflitiva do populacho, que clamorosamente lhe pedia para fazer chover. D'entre os aldeãos, só um não comparecera a acompanhar a imagem venerada, e por tão feio desacato a Virgem o castigara, roubando-lhe, de um dia para o outro, a luz dos olhos.

¶ Era certo o Joaquim da Ponte, um rapagão espadado e jovial, haver cegado por esse tempo. Não era, porém, exato que tal tivesse acontecido no dia que se dizia. Talvez mesmo por já sentir vagos prenúncios do mal que o ia acometer, ele, n'aquela calcinante tarde de Agosto, nem animo tivera para se juntar ao cortejo dos devotos.

Como fêra então? A causa do inesperado sucesso partilhava do misterioso, e, como sempre que o misterio desnorteia os homens, o unico remedio que a todos occorria era este: um milagre.

¶ Apesar de agora o olharem como um reprobó, havia ainda em muitos um resto afetuoso da estima que d'antes todos manifestavam ao laborioso e alegre Joaquim. A' compita lhe aconselhavam drogas maravilhosas, lhe suggeriam promessas infalíveis, ou lhe ensinavam feitiços complicados. A treva, no emtanto, persistia cruel sob as palpebras insoerguiveis do infeliz, e como coisa alguma lhe proporcionasse melhoras, decidiu-se a

mãe a levar-o a uma bruxa afamada, que morava n'um ermo distante, tendo por guarda da sua imunda toca um cão felpudo e bravo, em que os visitantes julgavam ver a alma negra do proprio Satanaz.

Encarando fixamente Joaquim, a temida bruxa proferira uma insolita sentença:

—Se fosses mais velho e menos bem parecido, meu rapaz, não deixaria de aproveitar a occasião de aumentar o meu cabedal á custa da tua esperanza! Novo e forte como és, mereces cura mais rapida. Podes sarar sem demora. Não é difficil. O mais difficil será achares quem te queira dar o remedio...

—Iremos por ele até ao cabo do mundo!— respondeu a mãe, cujas forças renasciam.

—Talvez não seja preciso andar tanto. Bastará que, ao levantar da hostia consagrada, uma virgem lhe queira beijar as palpebras com amor.

—Uma virgem?— disse Joaquim, estremeecendo.

—Com amor?— acrescentou a mãe, apreensiva.

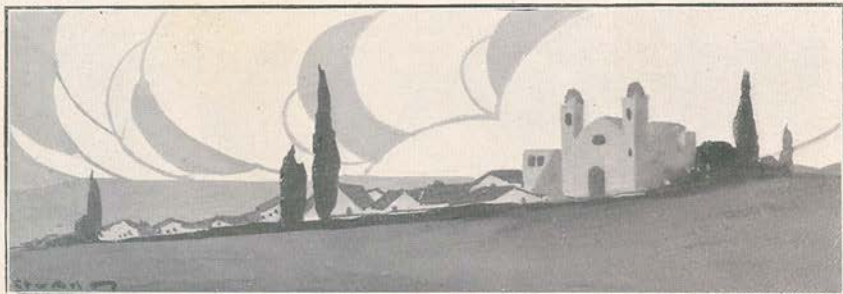
Ao tornar para a aldeia, cabisbaixo e vacilante, amparado ao hombro da mãe, que, carinhosa, lhe indicava os buracos do caminho, o Joaquim da Ponte lastimava-se da sua sorte aziaga.

—Parece-me, mãe, que mais me vale morrer!

—Cala-te, filho, que has-de sarar.

E quem quererá beijar os olhos de um pobre cego?

—Sei lá! Mas, ou já a piedade fugiu do coração das raparigas, ou alguma me ha-de dar ouvidos.



STUART



A'manhã, mal amanheça, vou a quantas cachopas conheço lá no nosso sítio, para lhes dizer como d'elas depende agora a tua salvação.

—Se fosse só preciso o amor, bem estava, minha mãe!

—Pois então!

—Não basta o amor, mãe! Tem de ser uma virgem.

—Verás que a Balbininha não se nega. Sempre te quiz tanto bem!...

Ao ouvir tal nome, o espirito de Joaquim iluminou-se, mas logo recai na tristeza:—Sim, a Balbininha, pensou, mas o peor...

O resultado das supplicas da amargurada mãe, de porta em porta, não correspondeu á sua expectativa. Orgulhosas da frescura do seu corpo inviolado, as raparigas esquivavam-se umas apoz outras, apeteendo para os seus beijos d'amor uma melhor estreia.

Quando chegou a vez de Balbina, esta, ao saber do que se tratava, empalideceu tragicamente e ficou sem dizer palavra.

—O quê? Pois tambem tu negas a vista ao meu Joaquim?

—A tia Micaela sabe que sempre gostei d'ele, mas não estava preparada para o seu pedido. Dê-me, ao menos, tempo para pensar. A'manhã respondendo.

—Se tu não quizeres, quem nos ha-de valer?

—A'manhã respondo, tia Micaela — repetiu Balbina, retirando-se para dar largas á d'ôr em que a desgraça do pobre Joaquim a mergulhara desde o primeiro dia.

Se a mãe d'ele lhe tivesse falado só em amor, com que jubilosa ancia correria a leva-lo nos seus beijos nos olhos do amado! A tia Micaela, porém, dissera que a bruxa exigia que fosse de virgem esses beijos alumiantes, e a apaixonada Balbina sentia ainda nas suas faces rosadas a doce lembrança de todos os beijos que ás escondidas, na sombra das azinhagas, em meio das sea-

ras altas, sob a copa das arvores ao luar, ela e Joaquim haviam trocado cheios de ardor.

Ninguém, na verdade, suspeitara do idílio jucundo, mas Deus certamente o saberia, e não concederia a graça aos labios da pecadora.

Subito, uma idéa a amedrontou mais que a do sacrilegio: a possibilidade de serem outros labios, que não os seus, a restituirem a luz áqueles olhos queridos, que tinham sido os unicos a conhecer os segredos mais intimos do seu corpo. Não! Já-mais cederia a outra mulher essa gloria. Que importava a virgindade, se virgem ela se lhe entregara? O amor devia poder mais que o conselho de uma feiticeira!

E, levada do ciume, resolveu-se Balbina a tentar a experiencia.

Tres dias depois—era um domingo—toda a aldeia, reunida á hora da missa, esperava, no adro da igreja, a realisação do milagre que a bruxa predissera. Amparado á mãe, comovido e ansioso, o Joaquim da Ponte aguardava espectante.

O padre já subira ao altar, e oficiava, paramentado de branco. De repente, todos se ajoelharam. Era a hora decisiva. De pé, cá fóra, só ficaram o Joaquim da Ponte, imovel no seu logar, e, na roda das raparigas prosternadas, a figura agraciada de Balbina, tendo nos olhos de esmeralda um grande clarão de fé amorosa.

A sineta do sacristão vibrou sonoramente. Preparando-se para erguer a hostia, o sacerdote poz-se de joelhos, e, justamente ao toque do segundo sinal da campainha do acolito, os labios palpitantes de Balbina depunham sobre as entenebrecedoras palpebras do cego dois beijos puros como duas crianças e poderosos como dois deuses, a cujo irresistível mandado, Joaquim, livre da afflitiva escuridão, exclamava, possesso de alegria, enquanto os sinos repicavam e o povo rompia em aclamações:

—Basou o amor, mãe, bastou o amor!

MANCIEL DE SCUSA PINTO



# A greve dos ferro-viarios



De ha muito estava latente o conflito entre a classe dos ferroviarios e a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes que depois da ultima greve em 1911, tinham ficado sempre dispostos a obterem a integralidade das suas reclamações.

Como depois de varias conferencias com os di-



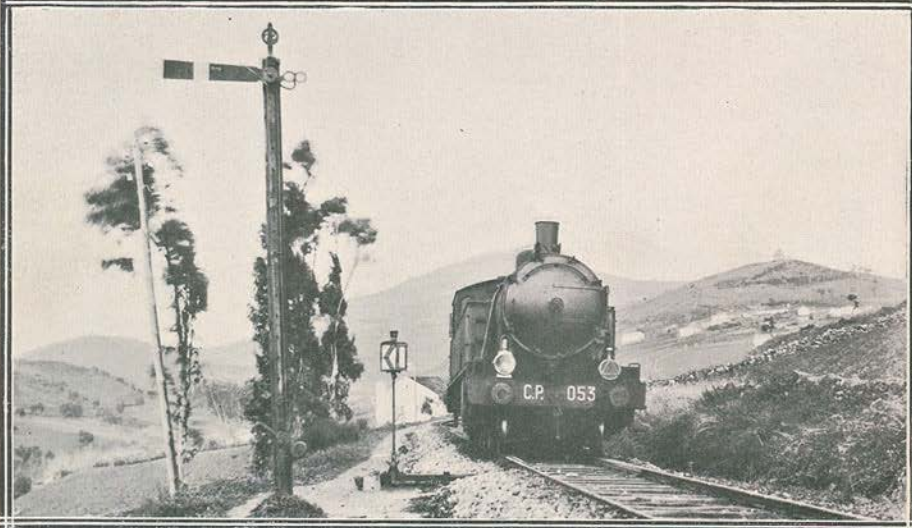
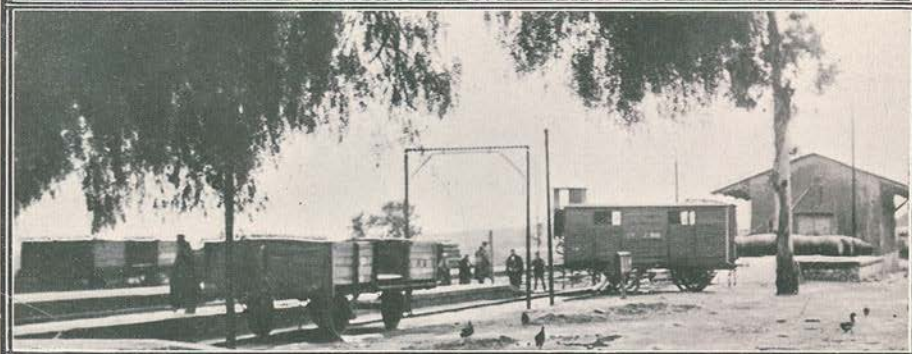
1. Na estação d'Alcantara: A Guarda Republicana vigiando a linha.  
2. A estação de Santa Apolonia deserta

retos da Companhia não se chegasse a um accordo o pessoal deliberou pôr-se em greve que começou nas estações do Rocio, Alcantara, Campolide e Santa Apolonia, á mesma hora, 3 da manhã, do dia 14 de janeiro.

Tentou-se ainda, por parte da direção, fazer avançar um comboio que devia



A Guarda Republicana defendendo a estação de Santa Apolonia.



1. Braço de Prata: Semaforos em paragem absoluta. O «Sud-Express» não avança —2. Em Sacavem: vagons obstruindo a linha.—3. Em Mafra: A maquina descarrilada

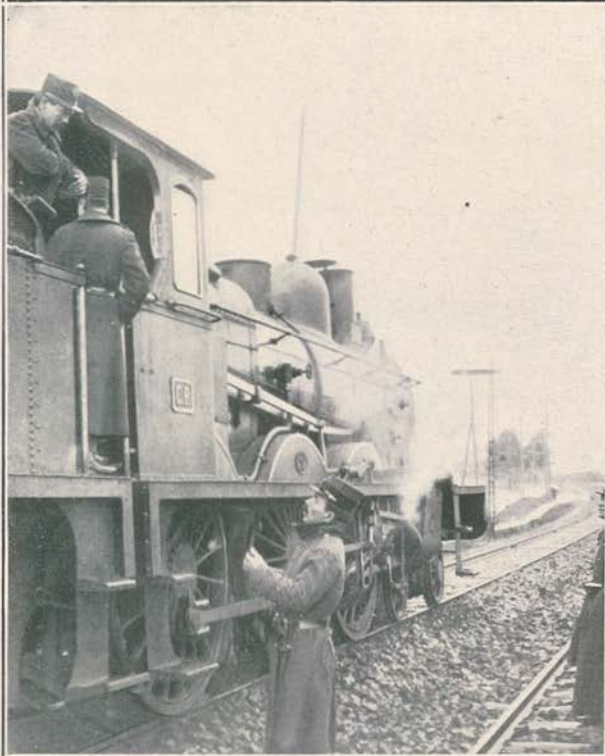




Em Braço de Prata: Ferro-viários e forças da Guarda Republicana guardam o material do «Sud-Express» que não pde avançar.



Na estação da Malveira: a estação guardada pela Guarda Republicana e um grupo de ferro-viários  
(«Clichés, Benoitte)

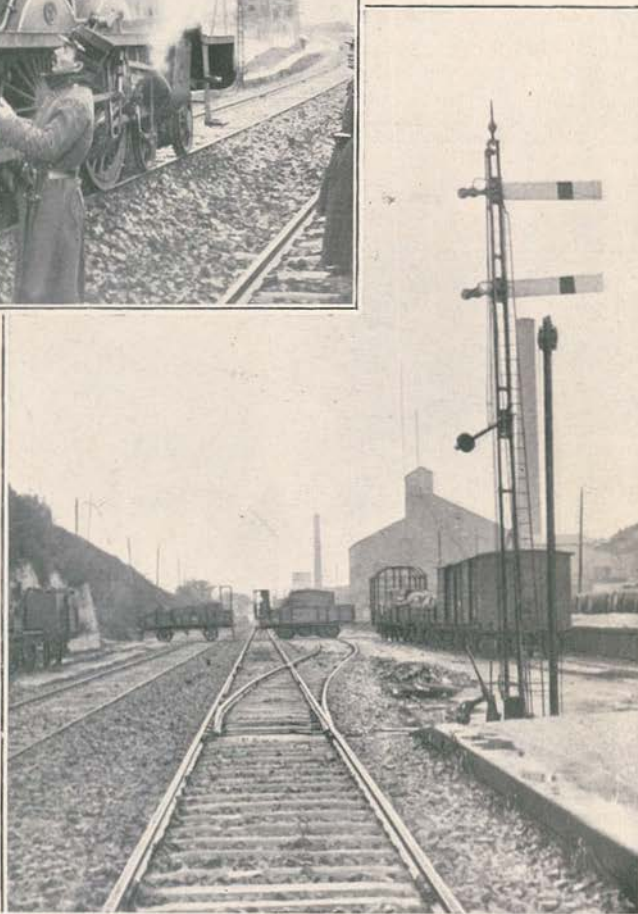


Em Braço de Prata: A Guarda Republicana na locomotiva 356 do «Sud-Express».

sair da estação do Rocio e no qual seguiram algumas praças da Guarda Republicana. A maquina que o rebocou era a 356 mas ao chegar a Braço de Prata foi intimado o maquinista chefe, que a guia va a parar, sem que a guarda pudesse evitar a realização d'esse desejo dos manifestantes.

Na Malveira foi atravessada uma maquina na linha, impedindo assim a circulação de todo o material, sucedendo o mesmo por todas as linhas da companhia.

O movimento não causou grande surpresa, pois já era esperado e de ha muito se anunciara, tendo sempre os ferro-viarios declarado desejarem que tudo corresse sem tumultos para o que entregariam as estações a quem as fosse tomar, o que na realidade fizeram, ficando muitos d'eles nos seus postos visto a Guarda Republicana ir para ali apenas para manter a ordem e não para se responsabilisar pelas mercadorias.



Em Braço de Prata: Semaforos fechados e os vagons atravessados na linha.

# OS PEIXES

## Impressões do Aquário d'Algés

Dizia Aristoteles que os peixes eram os unicos animaes que não queriam nada com os homens e o padre Vieira ajuntou que faziam muito bem. Outros escritores mais modernos confirmaram-lhes esse feito «insociavel» e acusaram-nos dos menos inteligentes e amovaveis de toda a escola zoologica. Em geral, quando os miramos atravez das aguas limpidas e mansas, ora pasmadamente parados, ora vogando pachorrentamente, propendemos sem duvida a crêr que dentro d'eles não se passa nada que os eleve acima da materia organica simplesmente animada.

Mas hoje é forçoso reconhecer que Aristoteles não merecia os 800 talentos que lhe dava Alexandre Magno para ele estudar os peixes e os outros animaes. E não precisamos para isso de recorrer aos volumosos trabalhos dos naturalistas modernos; basta-nos visitar o Aquario de Algés e ouvir por momen-

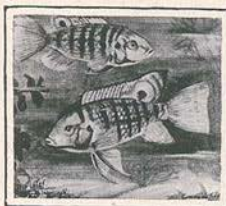
esbarrar no vidro ao encontro de uma pessoa que se aproxima e lhe tiram da mão, com a confiança familiar d'um perdigueiro, os fios de carne que se lhes chegam á superficie da agua; se ali se passam idilios apaixonadissimos, cenas de inefavel ternura, lances medonhos de ciume, vivas inquietações dos paes pela sorte dos filhos, dramas conjugaes violentos; se tudo isto se passa ali n'uma pasmosa realidade, á vista dos profanos, n'um ambito restrito, illuminado diretamente pelo sol, que fará no seio imenso do oceano, nos pégos remançosos dos rios ou nos lagos sob a folhagem discreta das ninfáceas! O que não irá por lá de amor, de anciedade, de affições, de discordias sangrentas!

Olhem para aqueles dois peixinhos, os «macrópodes», como eles conhecem

as pessoas, prestando-lhes atenção e enfeitando-se como que para recebê-las! Quando chega a época dos seus amôres, a femêa retrae-se, talvez



Macropede macho dirigindo-se para a femêa que lhe espera as caricias.



A Tilapia microcephala, um dos peixes mais mansos, vem comer á mão.



No Aquario de Algés.

tos as prelêções do seu sabio diretor, o sr. Antero Frederico de Seabra. Se ali, nas suas piscinas, ha peixes que vêm

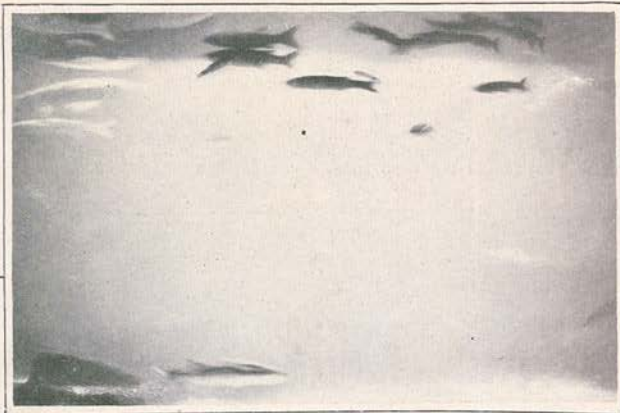
n'um movimento de pudor, ás caricias do macho e este reveste-se de brilhantes côres, requesta-a, empurra-a docemente

até ao ninho, que ele preparou, formado de bolhas d'ar dentro de uma película tenuíssima de substancia mucilaginosa, que

particular até encostal-as n'uma meiguice reciproca e tão perturbadora que ás vezes chegam a cair no fundo do tanque!

sobem ao cimo d'agua e ahi se vão agregando n'um todo curiosissimo. E os ovos, tambem menos densos que a agua, sobem para o ninho e a ele ficam aderentes até que

Ali ha outro casal singular. E' um de *chanchitos*, originarios de Amazonas. Tambem se que rem muito, mas só até verem os filhos creados. Não fazem ninho. A fema distri-



1. Tainhas refletindo-se na superficie da agua do tanque.—2. Tartarugas conservando-se uma como em «pose» diante da objetiva.

saem os pequeninos! Mas o mais interessante é como a quella s duas creaturinhas, n'um extremo de afeição, parecem abraçar-se dobrando as caudas uma sobre a outra e dando ás cabeças uma torsão



bue os ovos pelo fundo n'uma renda caprichosa, muito aberta a principio, mas depois tão fechada pela continuação da postura que se não vê nada a travez d'ela. Quando os ovos estão prestes a abrir, os dois

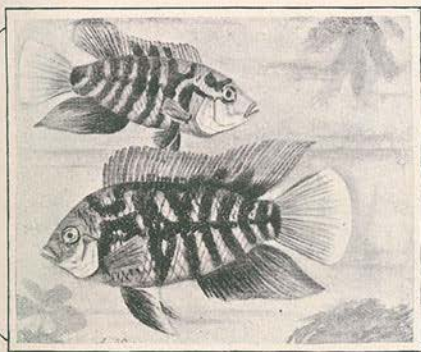


Os pescadores do Aquário preparando-se para lançar a rede.

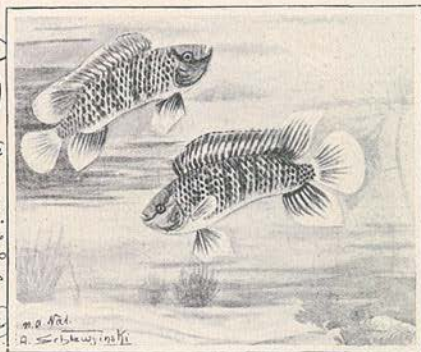
ram-nos para um canto do tanque, e, quando algum se alarga, corre sobre ele e tral-o na boca para o mesmo sitio.

Os *macropodes* fazem o mesmo com os seus filhos com a diferença, porém, de que o macho tem de tomar todo o cuidado com a femea, porque esta, apesar da sua ternura, esquece-se dos filhos na boca e come-os.

A femea do *chanchilo* não come os



O «chanchilo» que é capaz de matar a femea depois de creados os filhos, se não a separam



O «badis badis», o mais friorento peixe do Aquário e o mais respeitador da paz conjugal

conduzem-nos para um vasinho, onde os filhos nascem, pondo-se ambos de guarda a estes. Apenas os pequeninos começam a sair do vaso, os paes teem um trabalhão para os fazer recolher. Andam atraz d'elles, abrem a boca, sorvem-nos e vão vomital-os no vaso. E, como estão sempre a sair novas crias sem conto, a tarefa dos pobres *chanchilos* chega a uma fase de endoidecer. Já não ha quem os contenha no vasinho; os paes empur-



Os pescadores do Aquário puxam a rede



O saborosos e lindos bodiões

filhos, mas é capaz de comer o marido, que lhe paga com a mesma furia. Todo a que ele amôr antes dos filhos nascerem, todo o afeto que reuniu a familia até estes se crearem, desandam no odio mais profundo. E' preciso separar-os logo, senão matam-se. E lá estão eles agora separados por uma chapa de vidro, contra a qual dão, de vez em quando, a sua focinhada, na ilusão de que caem um sobre o outro para se dilacerarem.

O *badis-badis* é o modelo dos peixes para com a femea e para com os filhos. E' meigo e respeitador da tranquillidade da consorte. Enquanto ella põe os ovos dentro de um va-



O illustre diretor do Aquario, sr. Antero Seabra, assistindo ao recolher da rede

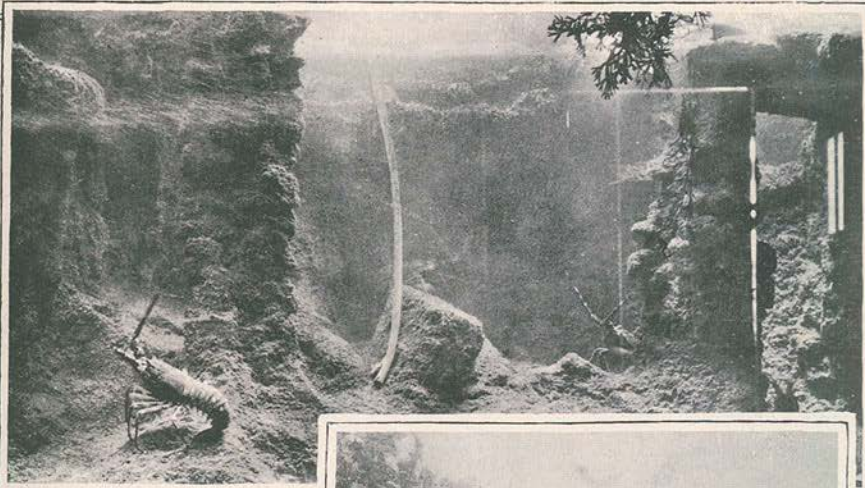
sinho vae visital-a com todo o proposito e, depois da postura, não torna mais a ir lá para não perturbar o socego em que os filhos devem nascer. Quando estes comecam a vadjar fora do ninho é o pobre pae que anda n'uma roda viva a engulil-os e a depól-os ali com um cuidado extremo.

O maior defeito do *badis-badis* é ser muito friorento. Se não lhe conservarem a temperatura da agua entre 20 e 25 graus, morre de frio.

Outro peixinho, que desmente Aristoteles, é a *Tilapia Microcefala*, que, mal viu o sr. Seabra, aproximou-se do vidro e, quando ele estendeu a mão para lhe dar um pouco de comida, pegou n'esta com



Uma bela e appetitossissima «carpa» creada no Aquario.



A lagosta

singular delicadeza. Coitadinha! Estava viuva; morreram o macho havia pouco.

Sim, os peixes também têm as suas doenças incuráveis, e a quem está habituado a vê-los e a tratá-los não escapa a tristeza que lhes causa a perda de um companheiro querido. Precisamente no momento em que iamos ver um casal de *Hemicromis binaculatus*, com doença na bexiga natatoria, encontrou-se já morto um d'elles. Das doenças conhecidas é a única incurável. Essa bexiga, a cuja distensão e recolhimento o peixe deve o po-



O lavagante.



Uma toninha do museu.

der elevar-se e descer á vontade, deixa de funcionar e o animal debate-se no fundo. As outras doenças mais vulgares, como sejam os tumores, que lhe aparecem nas barbatanas e que se extirpam para não contaminarem os outros tecidos, as criptogamicas, uma especie de cogumelos, que lhes surgem de debaixo das escamas e que se destroem, submetendo os doentes a uma temperatura de 28 graus, temperatura maxima que eles podem suportar e a que as criptogamicas já não resistem, curam-se; mas para aquella ainda não se descobriu remedio.

Mas escuso de correr tanque por tanque. Não ha ali uma só especie, por mais estúpida ou indifferente que pareça, que não tenha a sua historia interessantissima, notas particulares

dos seus amores, da sua vida e familia, das suas rivalidades, da sua nostalgia do pégo.

Se Aristoteles resurgisse da sua lousa de Negroponto, viesse ao Aquario de



Moréas.

dito que os peixes eram os unicos animaes que não se domesticavam, depois de ter comido os 800 talentos ao seu antigo discipulo e de ter empregado na pesca um



Os saíões, fugindo da claridade, refugiam-se em monte na parte mais escura do tanque

Algés e observasse tudo isto, bem como as carpas virem do fundo do seu tanque do jardim e saltarem fóra da agua para disputar os fios de carne que lhe apresentam, ou fésse á Estação Aquicola do Rio Ave, onde as trutas acodem ao assobio do tratador, morreria outra vez, de remorsos por ter



grande numero de homens e de embarcações que ele com a maior generosidade pöz á sua disposição.

E o sr. Seabra tem apenas tres homens, um barquito velho que deve ter medo da vaga do Tejo, e talvez qualquer meaduzia de escudos para não morrer de fome!

A. M. F.

Um trecho do museo do Aquario vendo-se um magnifico exemplar de fóca. (F. Viehès de Benollel)



# A vida mundana de Roma

A «*première*» do PARSIFAL

A vida mundana de Roma principiou em dezembro definitivamente.

Os *meets* de caça á raposa e corridas de cavalos no hipódromo *dei Pariotti* sucederam-se todas as semanas, com grande animação e entusiasmo.

No dia 29 de dezembro realizou-se com extraordinário brilhantismo uma *soirée* ultra chic no *Excelsior Hotel*, oferecida pelos seus proprietários á sociedade requintadamente elegante que o frequenta e nunca falta, como é praxe, aos seus admiráveis *jeu ó clock téas* — os mais cosmopolitas e distintos da velha Cidade dos Cesares. Vimos ali damas do corpo diplomatico como a ministra da Russia e damas patricias como a duquesa D. Paula S. Felice, da casa principessa de Viggimo, Madame Terese Terzi de Sissa, da familia dos duques de Tarlonia.

Foi nos chás do *Excelsior* que as mais illustres damas *patricias* discutiram ultimamente esta *gravissima* questão mundana: —realizando-se ás quatro horas da tarde a sensacional *première* do *Parsifal*, no teatro *Costanzi*, as senhoras, que obedecem aos rigores da Moda, como devem ir? qual é a *toilette* apropriada?

Após muitas hesitações as referidas damas pronunciaram-se pela *robe de visite*, considerando a *première* do *Parsifal*, pela hora a que tem lugar, como um concerto musical, — opinião que levantou alguns protestos, já porque não corresponde á verdade, já porque era... impraticavel! A *robe de visite* exige que se leve chapéu e os regulamentos do *Costanzi* proibem, nos seus espetáculos liricos, o uso do chapéu...

Como saíram da difficuldade burocratica as illustres damas *patricias*? Muito facilmente e tambem com grande e intima satisfação: — decidiram adotar a *robe de visite*, por chapéu mas... deixou-o no camaroteiro a



*Richard Wagner*

guardar, o que lhes não impediria evidenciar il *suo belle personale romano*, afirmou, convicto, um cronista entendido na materia.

Quanto á *toilette* masculina a momentosa questão perdeu quasi o interesse, porque um *Petronio* lembrou um precedente: — os homens, ao avistarem-se com Sua Santidade, envergam inalteravelmente a casaca. Ora, taes audiencias excessivamente protocolares, efetuam-se sempre de dia, até ás quatro horas...

Embora alguns catholicos objectassem, com citações eruditas, que na hipotesesujeita, se não tratava d'uma audiéncia do Papa, mas simplesmente o que é bem diverso, d'uma *première* do *Costanzi*, os varios *Petronios* de Roma, declararam a

questão fóra da politica e decretaram o uso da casaca.

E já que falámos nas audiéncias particulares do Papa, acóde-nos á lembrança uma anedota attribuida a um antigo *attaché* da nossa legação junto da Santa Sé... que o orçamento houve por bem eliminar. Contava o espirituoso diplomata, querendo elogiar a vida mundana de Roma: — «Roma oferece todas as vantagens das grandes cidades... e mais uma». Qual? — interrogavam e ele explicava: — Quando uma pessoa regressa a casa pela madrugada, de casaca e luvas brancas, dentro d'uma carruagem, ninguem diz que regressa da *Boemia* do *Bal-Tabarin*, por exemplo, mas tão somente que vai cumprimentar... o Papa! Ora tal *comodidade* apenas se disfruta em Roma...



Madame Terese Terzi de Sissa da familia dos duques de Tarlonia uma das illustres e gentis damas da velha aristocracia italiana

E' preciso ainda registrar um pormenor da sensacional *première* do *Parsifal*, pois representa uma inovação na vida requintadamente elegante de Roma.

A direcção do teatro *Costanzi*, já que o espectáculo principiava ás quatro horas — a classica

hora dos movimentados *tea-tango* — pensou em demorar um dos intervalos, que se abrem na famosa partitura wagneriana!

No desejo de proporcionar comodidades aos seus assinantes, a direção pensou em fazer servir um *souper par petites tables*, no seu esplêndido *restaurant*, o qual *souper* se transformaria n'um agradávelíssimo *rendez-vous* para o *high-life* e n'um incomparável reclamo para a empresa...

A peregrina invocação, que desde logo se ergueu a certas críticas na imprensa e horrorizou as *dilettanti*, foi votada ao ostracismo — felizmente.

Na verdade, a estranha inovação que se pretendia, não só constituiria uma imperdoável ofensa ao glorioso autor do *Parsifal*, mas ainda — o que seria grave — afirmaria, indelevelmente, que o publico do *Costanzi* (uma das cenas líricas mais cotadas da Italia e mesmo do estrangeiro) não sabia



compreender, apreciar... e aguentar as belezas do originalíssimo poema e da genial partitura, talvez a obra-prima wagneriana, não obstante o disparate de Rodin, que ousou classificar-o *d'une mauvaise messe!* Criterio musical d'um distintíssimo escultor... O que não ririam Emilie Oliver, Gauthier, Mendés e tantos outros d'esta tirada de Rodin, — eles que em França tanto exaltaram a musica de Wagner!

Nas sucessivas audições do *Parsifal*, que duram quasi seis horas, o pano subiu ás oito da noite n'um silencio profundo e significativo.

Comentarios não faltaram... Assim, por exemplo, um *snob* achou que a celebre *cena da sedução*, que dura quasi uma hora, era muito longa! Concordou em que se passasse na penumbra, porque a seu lado estava uma dama com um *decólté* magnifico, mas achou a cena inverosímil, *shocking*... «no estado atual da civilização, que creou para todas as manifestações da atividade humana as grandes abreviaturas». A impropriedade dramatica cometida por Wagner — continuava o mesmo critico — é, porém, desculpavel, porque o *Parsifal* evoca lendas *fantasticas* (sic) da idade media.

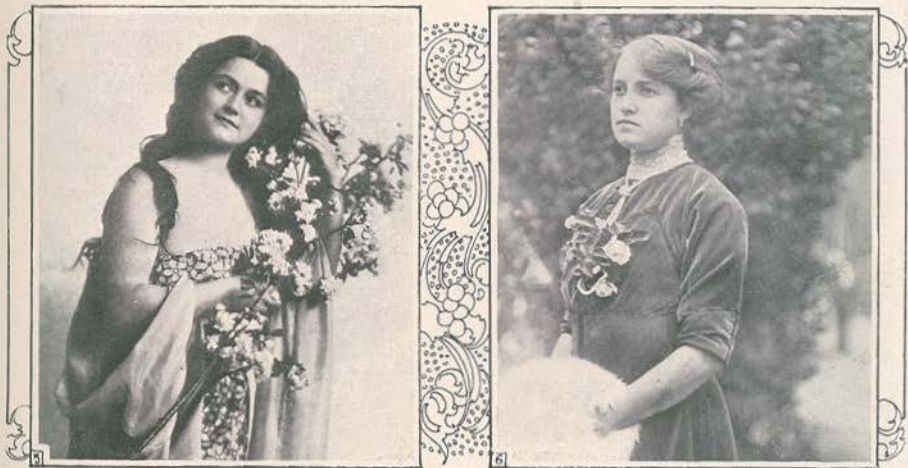
E assim se conciliaram as exigencias do estomago, os ditames da Moda e os superiores interesses da Arte.

1. D. Paula San Felice da familia dos principes de Viggiano, uma das damas mais elegantes da aristocracia italiana.—2. Madame de Neldow, esposa do ministro da tussia junto á Santa Sé.

# FIGURAS E FACTOS



1. Sr.<sup>a</sup> D. Henriqueta Garcia Varela, falecida em Ferreira do Alentejo.—2. Capitão Francisco Rodrigo de Moraes, falecido em Lisboa.—3. Sr. Francisco de Melo Alvim, oficial de Justiça, revolucionário de 31 de Janeiro, falecido em Lisboa.—4. Sr. Francisco Antonio Ferreira, chefe de policia, falecido em Evora.



5. Miss Vivian Vanghu o mais lindo modelo americano que tem entrado na maioria dos quadros celebres dos pintores dos Estados Unidos.—6. Miss Jole Wilgeou illustre cantora transvallana que tem cantado com grandes aplausos em Lourenço Marques.



Grupo de passageiros de 1.<sup>a</sup> classe, tirado a bordo do «Malange» em viagem para a Africa Oriental.

# A Moçadinha dos Laureiros.



OPERETA EM 3 ATOS  
Composição do sr. J. J. Nicolau Junior

À BALADA DO 3.º ATO  
Esta opereta foi levada à cena em Santarém por um grupo de gentis senhoras e académicos, com extraordinário êxito, a benefício da Cantina Escolar, a que a «Ilustração» se referiu em tempo, publicando varios «clichés».

Lento (♩. 63)

**Canto**

O' lin-das noites d'a-môr ves-

ti-das deluz e pra-ta conc-de-i activador Um rai-o d'esse pa-

lôr que nos la-gos se re-ba-ta e como lucida vi-são Me-

ra-gem fagueira e gra-ta D'uma lôr-na e pura unção Oh! cin-gio bom de lu-

**Piano**

Ped \* Ped \* Ped \* Ped

\* Ped \* Ped \* Ped \* Ped

\* Ped \* Ped \* Ped \*

\* Ped \* Ped \* Ped \*

or quando el... le cantar quizer -- as se... du... foz d'um o...

thar a gra... ca d'uma mu... lher as se... du... foz d'um o...

thar a gra... ca d'uma mu... lher O sen... te... mento que en...

cer... na Nessa ho... ra o peito seu Bro... tando em... bara na ter... ra E'

dos dominos do ceu E' dos dominos do ceu

# Exposição de aguarelas

Desde a inauguração do grande edificio da Sociedade Nacional de Belas Artes, tem-se realizado ali interessan-



aguarela no nosso paiz, marcando como a cultivaram os pintores Lupi, Metrass e Howel, que era um amador



tes certamens entre os quaes com muita razão se destaca a actual exposição d'aguarelas.

Instalou-se brillantemente com uma conferencia do illustre escritor Julio Dantas acerca da Arte Portuguesa feita na presença do Chefe de Estado, dos membros do governo e d'alguns do corpo diplomatico, a qual decorreu com interesse e teve o cunho literario que este escritor põe em todas as suas produções. Tambem n'um artistico catalogo outro artista de talento o sr. Manuel de Sousa Pinto fez a largos traços a historia da



distintissimo, assim como Alfredo d'Andrade, um apaixonado da arte bem como o marquez de Souza Holstein, e o conde d'Almeirim. Conta como tempo depois os aguarelistas hespanhoes Narvaes e Casanova se estabeleceram em Portugal onde, sobretudo este, tanto renome devia alcançar como um artista de rara perfeição. Devido em parte aos seus esforços começou-se o estudo noturno da aguarela na aula de modelo da Academia de Belas Artes a qual teve logo uma grande frequencia de amadores e profissionaes de pintura entre os

1. Columbano Bordalo Pinheiro.—2. Roque Gameiro.—3. Cabeça de mulher, aguarela de Columbano.—4. Largo do Chafariz de Dentro (Alfama) Aguarela de Roque Gameiro.—5. Meditando, aguarela de Casanova



meiro. Inaugurada em Portugal uma exposição d'este genero não podiam deixar de se expôr trabalhos d'aquelle artista illustre, de Casanova, ha pouco falecido em Madrid e realmente lá estão como verdadeiras obras d'arte.

Columbano, o grande mestre da pintura, tambem se tentou com a aguarela e com o seu talento enorme deu-nos trabalhos que nos prendem pelo seu en-



1. Cabeça, aguarela de Milly Possoz.— 2. Mademoiselle Milly Possoz.

ques devia destacar brillantemente dedicando-se á aguarela com afino o sr. Roque Ga-



3. Aguarela de Narciso de Moraes.—4. Narciso de Moraes

canto. Roque Gameiro, que conserva ainda e sempre o cetro d'essa arte, apresenta obras



5. João Marques.—6. Chafariz de S. Paulo, aguarela de João Marques.—7. Ribeiro Cristino.—8. Ruínas da capela da Rocha no Castelo d. Leiria, aguarela de Ribeiro Cristino.



Alberto de Sousa

onde a sua maestria se revela com a facilidade marcada em todas as suas composições anteriores, assim como Alberto de Sousa, que foi seu discípulo e hoje é já um consagrado, consegue prender o publico diante do que levou a essa notavel exposição.

Ha anos revelou-se pela nota original das suas aguarelas um outro artista Alves de Sá, que teve a habilidade de conseguir um grande logar n'essa arte logo que appareceu. Lá estão tambem os seus trabalhos notaveis e numerosos.



Vila Real : Porta da igreja de S. Domingos, aguarela de Alberto de Sousa.



3. Rio da Fonte (Aqualva), aguarela de Antonio Quaresma.—2. Antonio Quaresma.

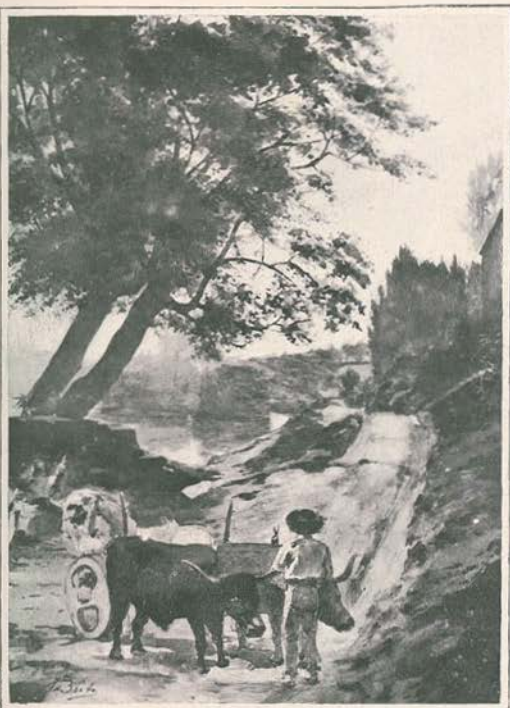
Ainda o illustre pintor portuense sr. José de Brito correu d'uma maneira brilhante a esse certamen, que tem atraido muita gente, com aguarelas interessantissimas das margens do Ave.

Ribeiro Cristino, bem conhecido pelos seus trabalhos, tambem ali enviou alguns.

Apareceram depois n'uma ala galharda e arrojada os novos







Um caminho, aguarela de José de Brito



Helena Roque Gameiro

como Rocha Vieira, que trata docemente as campinas, Antonio Quaresma, que segue as beias pisadas de seu mestre Alberto de Souza, Helena e Raquel Gameiro, as filhas do mestre Roque Gameiro e suas discipulas distintas, Mademoiselle Milly Possoz, João Marques, discipulo de Battistini e Narciso de Moraes filho do distinto artista Alfredo de Moraes. Tambem expõem os seus trabalhos os srs. Beauvalot e Pedro Guedes que tornam mais interessante o conjunto da exposição.

O publico tem concorrido em grande massa a analisar as aguarelas que na grande sala da exposição de Belas Artes comprovam o renascimento da arte portugueza.



Estudo (Falagueira), aguarela de Helena Roque Gameiro



Fonte do Senhor Roubado, aguarela de Alves de Sá;

São cento e cinquenta e sete os trabalhos que ali se apresentam alguns marcando bem individualidades como aos de Columbo, Casanova, Gameiro, Alves de Sá, Alberto de Sousa, outros sendo esperanças palpitantes assi-



Alves de Sá

Rocha Vieira

nados pelos novos artistas.

Teem sido adquiridas grande numero d'aguarelas, o que demonstra como o publico se interessa pela arte desde que ela seja tratada com verdadeiro talento.



Casa na Aguálva, aguarela de Rocha Vieira.—(«Clichés» Benoit)

# FIGURAS E FACTOS



Inaugurou-se a nova escola e cantina da freguezia da Pena sob a presidencia do distinto inspetor escolar sr. Antonio Francisco dos Santos tendo assistido o sr. dr. Eusebio Leão, além d'outros individuos representantes de diversas coletividades.

Na Inauguração da escola da Pena

Em virtude da lei que obriga os parlamentares em exercicio n'outros cargos a ficarem vencendo apenas como deputados ou senadores sem outras compensações, deixaram as respectivas legações de que eram chefes os srs. José Relvas, Bernardino Machado e Eusebio Leão, tendo o ultimo chegado a Lisboa ha dias a bordo do *Konig Wilhelm III*.



Chegada do Governador Geral de S. Tome, sr. tenente Pedro A. Boto Machado, a S. Paio (Gouveia). O sr. Boto Machado ◊ agradecendo aos alunos das escolas de Nabães e S. Paio, a oferta d'um ramo de flores. («Clichés» do distinto fotografo amator sr. João Gomes Serra, de S. Paio, Gouveia



A chegada a Lisboa do sr. dr. Eusebio Leão, ministro de Portugal em Roma. No primeiro plano entre os srs. José Barbosa e Brito Camacho.— («Clichés» de Benolle).



## SOROR MARIANA

A AÍRES DE CARVALHO.

Na cela a freira lê um velho breviário,  
Purificando em Deus um criminoso amôr;  
Paixão que profanára aquele santuário,  
Como Judas beijando a face do Senhor.

Lá fóra a Primavera, em lubrico cenário,  
Fecunda nas caricias do astro creadôr;  
E as lagrimas da freira caem n'um rosário,  
—São almas d'illusão geladas pela dôr.

No côro vão subindo cantos langorosos,  
Em supplicas de Fé, em orações de Esperança.  
Na cêrca os rouxinoes esvoaçam amorosos.

A freira quer orar, mas surge-lhe a lembrança  
Ardente, sensual dos beijos venturosos...  
— O corpo entregue a Deus e o coração á França —

VITOR MENDES.



# O Tango

O cardeal arcebispo de Paris acaba de proibir o tango por imoral. O Kaiser interditi-o por incivil. De hoje em diante nenhuma gentil catolica se poderá requebrar na dança argentina nem mesmo no paiz que julgam a patria d'esses delirantes passos.

Realmente não foi na Argentina que o tango nasceu. Ele é o produto d'uma imaginação sensual de selvagens. O tango nasceu na Indo China. O seu nome o diz. E' natural de Tang Ho. As voltas que o tango deu!

Veiu do velho mundo dos ritos sacros e pomposos para o novo mundo irreverente. O que era talvez uma oferta de belos corpos em passos medidos de bailadeiras para os idolos, passou a ser uma dança espicaçante de creoulos.

Na frente dos pagodes a gente de Tang Ho dançou-o e as tribus de ciganos que correm todo o mundo, nomadas singulares, aprenderam-no. Os corpos gracis d'essas lindas filhas da boemia requebraram-se desde logo n'essa dança e assim a vieram trazendo Europa fóra.

A grave Alemanha cujo Kaiser ainda hoje a proibe aos seus officiaes a ponto de não lhes consentir a permanencia em casas onde se danse o Tango, repeliu certamente essa lascivia; a doce Hollanda importou-a, a França aristocratica, se a sentiu como uma novidade, depressa e voluvelmente a esqueceu.

Mas a Hespanha, a filha da mourama, pegou-lhe e dançou-o nos seus passos lentos. A hespanhola tinha mais um motivo de *gracia*. Portugal, apesar de hoje o dançar, de o assobiar, de o remoer em todos os pianos e gramofones, preferiu-lhe o lundum.

O tempo transformou-o. Entretanto os conquistadores partiam para o Novo Mundo, a aventura de Cortez e Pizarro ia começar

e imagine-se então esses soldados de todas as audacias capazes, saciados de ouro, descansando das suas proezas sem nome á sombra das suas tendas enquanto docemente as indias conquistadas iam dançando nos passos que lhes tinham ensinado.

Assim pouco a pouco o Tango se foi tornando n'uma dança do novo mundo e por fim um baile nacional argentino que Paris importou pelo seu exotismo como o «maxixe» e como os esquimós.

Quando a França faz um gesto o mundo acompanha-o. Se é uma revolução que surge, o universo inteiro agita-se como se ela fosse o cerebro que o guiasse. 1793 deu a Europa em fogo e a emancipação americana; 1848 deu a liberdade e deu

esperanças á emancipação da Polonia como o chapéu de Bólivar adotado por Paris foi a grande moda europea e como a bomba anarquista, ali experimentada, se tornou dentro em pouco no geral terror por toda a parte.

Quem quer lançar a moda d'uma litteratura ou d'uma gravata, d'um anel ou d'uma liga tem que o fazer em Paris. Desde que ele adotou o Tango a Euro-

pa entrou a dançar-o apesar da igreja, pela boca do cardeal da mais voluvel cidade do mundo, que hoje peca para amanhã coquetemente rezar, lh'o proibir, apesar do Kaiser, com um dos seus accesos de mau humor, não o querer tambem em moda entre os seus officiaes.

Um illustre professor de dança, mr. Fischer que ensina a dançar os alunos da Politecnica de Paris disse a respeito do Tango, com o marcado horror que um amigo dos classicos deve ter pelo futurismo:

Essas danças exoticas não pertencem á arte.

O homem pretende modificar o Tango, isto é estragal-o suprimindo-lhe os movimentos dos rins e das espaduas.

Mais vale aboil-o, gritar-se-ha



Varios passos dificeis do Tango em Italia



Um passo do Tango

por toda a parte, porque estas cousas que fazem muita sensação como a saia calção e o Tango, não se modificam. Ou se acabam ou vivem como vieram ao mundo.

A Italia, até ha pouco não se insurgia. Eis como por lá se comprehendia a dança que o arcebispo de Paris prohibiu.

«Um critico de arte, cheio de humo-

rismo e de fina observação, escreveu algures que o famoso Tango «é a dança que melhor traduz as características dominantes da época actual.» E acrescentou: cada dança exprime as tendencias da época em que se vulgarisa.

Assim, por exemplo a *vals*, languida e sentimental, corresponde ao romanticismo literario; a *polka*, popular e simples, acentua o successivo triumpho do *burguesismo* sobre os preconceitos de raça ou de classe; e, finalmente, o Tango, com o seu elemento espétaculoso e libertino, faz a propaganda do individualismo, pois deixa a quem o baila quasi inteira liberdade de movimentos, o dar-lhe uma *nota* pessoal... N'uma palavra, o Tango não torna ninguém escravo

da cadencia musical — e eis um dos seus principaes atrativos.

Eis como se pensava e como se fallava em Italia a respeito do Tango.

Em Roma, depois de varias hesitações, o Tango tambem já se impoz.

Com a inauguração da *vida elegante*

de Roma, a sinuosa e irresistivel dança, conseguiu penetrar definitivamente nos salões dourados da mais antiga e protocolar nobreza *patricia*; e, assim, ora sob o pretexto de *lições*, ora sob o de *sessões*, nas quaes se exhibe um profissional com par por ele adrede escolhido e ensaiado,

a verdade é que o Tango a paixão, creando numerosissimos adeptos e entusiastas... e até fazendo vitimas!

Os empresarios teatraes de Roma, querendo aproveitar o momento *psicologico*, como diria um mestre de Coimbra, já estão organizando os chamados *tango-tea*, em que um *consagrado* mestre de dança executa a serie quasi interminavel das *figuras* e *passos* em que o Tango se de-



Outro aspecto do Tango em Italia



Em Lisboa: «Mademoiselle» Maria das Dóres Trindade Abrantes e o sr. Alvaro de Sousa na «roda»

compõe, — emquanto pela sala, em pequeninas mezas, o publico elegante toma a frequenta, toma o classico chá das cinco, acompanhando-o, aos golinhos, como é chic, com os deliciosos pasteis, *toste* e *mirejins* do *Latour*.

Os *tango-tea*, que na Inglaterra estão positivamente na moda, tem chamado á conhecida *Sala Picchetti*, a mais classificada aula de dança em Roma, todo o *high-life*, que ordinariamente vae, em *toilette* de estação, aos aristocraticos chás do *Excelsior-Hotel*, do *Bucci* e do *Latour*, etc.

E é de justiça dizer-se que se passam lá agradabilissimamente duas horas, durante as quaes o Tango, o irresistivel Tango, talvez sem o saber, é guereado atrozmente por aquele *flirt*, sen-



Em Lisboa: «Mademoiselle» Nina Eldoma Martin no «centenário»

timental e discreto, que sempre serpenteia onde a mocidade descuidosa brilha e se dá *rendez-vous*.

Mas... assevera ainda o mesmo critico de arte a que aludimos, o Tango não tem ciumes do *flirt*, porque, logo ao nascer, se alia ram e, apenas emancipados, principiaram a entender-se ás mil maravilhas...

Estavam as cousas n'este pé com os louvores do critico quando de repente chegaram os rigores e as lindas patricias viram-se sem os pares que mais agradam sempre ás mulheres: os militares. O ministro da guerra seguiu o exemplo do Kaiser e os

heroes da Tripolitana tem que se limitar á valsa.



1. A menina Julia Neves Coglinho e o menino Mario d'Oliveira, executando o «côrte»—2. D. Ilda Sandemann Bechl Pedroso e o sr. Magalhães Pedroso no «côrte»—3. «A marcha de costado» feita pela sr.<sup>a</sup> D. Nina Martin e pelo sr. Jalme Castro Guedes.

## A "Ilustração Portuguesa" no casamento do Presidente da Republica do Brazil



1. «Madame» Nair de Tefé, Hermes Fonseca.—2. Guitry no *Emigré*, caricatura original de Rian, «madames» Tefé, Hermes da Fonseca.

O marechal Hermes da Fonseca, digno Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, desposou a 8 de Dezembro a *Mademoiselle* Nair de Tefé, gentilissima filha do venerando Barão de Tefé e dedicada irmã do ministro do Brazil em Lisboa, dr. Oscar de Tefé. A cerimonia teve um caracter tão intimo, que a maioria da imprensa indigena não se manifestou com rasgados e ditirambicos elogios aos noivos, devido, certamente,

se em conhecel-a mais de perto.

M.<sup>lle</sup> Nair satisfazia a curiosidade publica aparecendo em todas as diversões, exibindo a sua elegancia requintadamente parisiense.

ás evidentes dissenções politicas que hão estremado os campos e dividido os homens publicos.

A noiva é uma intellectual. O seu originalissimo talento de caricaturista, tornou-a de ha muito conhecida em varios centros artisticos europcus. Alguns trabalhos seus popularisaram-se. O seu pseudonimo *Rian* provocou as atenções geraes quando, ainda ha poucos anos, appareceu assinando magnificos traços impiedosamente caricaturaes.

Apenas se soube que a feliz autora da esplendida alusão ao incomparavel comediante francez, Lucien Guitry, na peça de Bourget, *Le Emigré*, era a escolhida noiva do Marechal Presidente, foi natural o interes-







Depois do casamento na escadaria do Palacio Rio Negro, em Petropolis: a direita da noiva está o cardeal Arcoverde

O marechal Hermes da Fonseca desposou uma artista. Quando acabar o seu quatrienio de chefe de uma grande e florecente Republica terá, pelo menos, o doce prazer de saborear o que o lapis irrequie-

to e criticista de sua esposa fôr passando ao papel ironicamente tracejado...

Rio de Janeiro, Dezembro 1913.

JOSÉ SIMÕES COELHO.



O marechal Hermes da Fonseca e a sua noiva durante o ato civil assistindo entre outras pessoas os srs. drs. Lauro Muller, general Pinheiro Machado e dr. Fonseca Hermes

# TEATROS



1. O sr. Acacio Antunes.—2. Uma cena d'«A Creoula» que se representa atualmente no Politeama. Da esquerda para a direita: Ator Gomes, as atrizes Magda d'Arruda, Cremilda d'Oliveira, Soíla e o ator Grijo—(«Cliché» de Benollet)

## TEATRO POLYTEAMA

### «A CREOULA»

A ação d'«A Creoula» passa-se na America do Sul e dá-nos o prazer de travar relações com um presidente da Republica que só deseja ser obrigado a renunciar o seu mandato para regressar ás *cocottes* de Paris; com um pretendente que só deseja deixar de o ser, para se livrar de trabalhos, e com uma ardente creoula *Jacinta*—horriavel nome!—que ama um guerreiro, está para casar com um general e tem um genio terrivel.

Ha tambem uma gentil mulher do presidente, um secretario apaixonado, uma datilografica simpatica, um exercito com muitos officaes e pouco abundante em soldados e, como fundo de satira politica, um meio revolucionario em que todos temem medo uns dos outros.

Com estes temperos, está cosinhada a opera comica, recomendavel por uma viva, ardente musica, em que ha cor e fantasia. Ouve-se com agrado. Quanto á vista, é que...



A atriz Magda Arruda

As mulheres não gostam de se desfear—e nós, homens, tambem não gostamos, no que fazemos muito bem, de as vêr feias. Perdoará, por isso, a sr.<sup>a</sup> D. Cremilda d'Oliveira que, muito gratos á sua boa intenção, extranhemos a má ideia que teve de se mascarar de negro, na peça. Ser creoula não é bem ser preta. E, depois, teatro é sempre teatro.

E, já que estamos a falar em interpretes, seja-nos permitida mais uma observação. O ator brasileiro, que se estreou, João de Deus, teria talvez tirado outro efeito do seu papel de pretendente assustado, se tivesse procurado, na caracterização da figura, o efeito do contraste com a situação.

De resto, apreciámos na atriz Cremilda o vigor que deu ao seu papel; apreciámos o lindo sorriso da sr.<sup>a</sup> D. Magda Arruda; apreciámos o colorido da peça e apreciámos, sobretudo, aquela invejavel republica, em que não se pensa senão em mulheres—que é, afinal, a unica coisa em que vale a pena pensar. Estamos d'accordo com o Presidente.

A. DE C.

# Gold-Crème Albert Simon

Com selo VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.



Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescem os portes.

FEDICOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup> — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.<sup>o</sup> — LISBOA



**CRÈME SIMON**  
PARA  
conservar ou dar  
ao rosto  
FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glycerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900  
J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10.  
PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.



RELOJOARIA  
DE PRECISÃO

RELOGIOS SIMPLES E COMPLICADOS

J. PICARD-CADET  
(CROIX D'OR)

15. PLACE DU MOLARD. 15

GENÈBRA (SUISSA)

(BRONOGRAFOS - CRONOMETROS.)

CALENDARIOS - TACHYMÈTROS  
PULSOMÈTROS - TELEMÈTROS

CATALOGO GÉRAL GRATIS A PEDIDO

## Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

## Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto.  
D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

## Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonima de r. sponsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações .....	380.000\$000
Obrigações .....	323.294\$900
Fundos de reserva e amortização .....	591.498\$000
Total .....	1.294.792\$900

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobreira: ho (Tomar), Penedo e Casal d'Ilermio (Lousã), Vale-Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papis de escrita, de imprensa e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações, especies de qualquer qualidade de papel de machina (circular ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos: 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANOEL, 51, PORTO.—End, teleg. em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: LISBOA, 605—PORTO, 117.

Sabonete preparado  
com os saes das Aguas



de **Chizella**

o melhor para a pelle



Pneu liso: — Que rica ajuda que me dás, Rouge Ferré!

Rouge Ferré: — Eu gemo e tu ris, estás a vêr.

**Pneu  
Continental**

À VENDA EM TODAS AS GARAGES